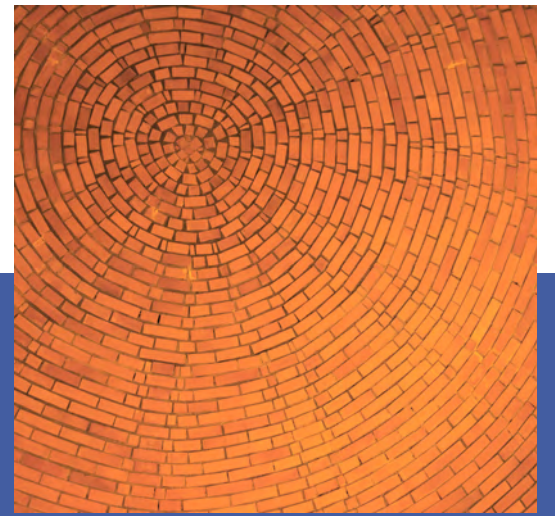


Tradição



Mestres de construção civil tradicional lamentam a falta de procura

Abóbadas: um luxo na era do betão

Conhecem-se desde o período romano e são uma marca da arquitetura tradicional alentejana, sobretudo no território da margem esquerda do Guadiana. Mas já são poucos, menos do que os dedos de uma mão, aqueles a quem ainda podemos chamar mestres abobadeiros, sem desmerecer toda uma linhagem anterior. E, entre Serpa e Moura, fomos encontrá-los orgulhosos, sim, de um saber fazer antigo, desde sempre reservado aos melhores, mas ao mesmo tempo descrentes na continuidade da arte, pela manifesta falta de procura. Na era do betão e da crise, ter uma casa abobadada é um “capricho” que apenas alguns podem satisfazer.

Texto Carla Ferreira Fotos José Serrano

É nas arcadas exteriores do Cineteatro Municipal de Serpa que se dá o encontro. De olhos postos na cobertura arredondada, em tijolo de cor de barro, os homens cruzam saberes antigos, que lhes chegaram às mãos por diferentes caminhos. Levantam os braços para apontar os cantos e as fiadas, explicam entre si, quase que atropelando-se, a regra da “divisão dos esforços” e outras igualmente preciosas, e demoram-se em silêncio para admirar a mestria deste teto onde quatro arcos se intersejam, formando, não uma aresta, mas uma superfície curva que se vai esbatendo. “É uma abóbada de barrete”, declara Hélder Ferreira, apressando-se a notar que o tijolo é industrial e não maciço ou “burro”, como manda a tradição. João Pereira Santos acena, concordando, e não deixa de expressar a sua admiração pelo engenho dos “mestres” que sempre encontram uma solução adequada para cada espaço, ao ponto de poder afirmar-se que “é possível construir uma abóbada em qualquer lado”.

Hélder Ferreira, de 55 anos, é um deles, e um dos únicos ainda no ativo nos concelhos da margem esquerda do Guadiana. Herdeiro de uma linhagem de afamados construtores, com obra assinada em edifícios públicos da Angola colonial, ou em alguns prédios do “tempo da *belle époque*” em Serpa, o mestre não desdenhou o ofício de família mas foi fora dela que aprofundou os seus conhecimentos naquele que é um dos mais complexos, e fascinantes, elementos da construção civil tradicional: a abóbada. Em meados dos anos 80, cruza-se com o mestre José Calabaça, que lhe dá “as primeiras luzes” e, pouco depois, já com 18 empregados ao serviço, conhece António Mestrinho, uma autêntica “lenda” no meio. “Penso muito no mestre António Mestrinho. Ele ensinou-me muito, sobre abóbadas e sobre toda a ‘física’ da construção civil: a divisão dos esforços, a torção, a flexão, a compressão, o sistema de alavancas. Depois, aquilo torna-se quase intuitivo. Com os anos, com a lidação, é aquilo que vai ensinando a gente”, comenta, enumerando vários marcos da obra de Mestrinho. O próprio Cineteatro de Serpa (além da cúpula na chamada Sala da Abóbada, há outros exemplares no interior e também no exterior), e também as várias abóbadas na cobertura da Casa da Cultura de Beja, ambos edifícios construídos de raiz.

Já nos anos 90, mestre e discípulo tornar-se-iam colegas na então Escola de Artes e Ofícios, ensinando às novas gerações como construir em taipa e as formas de alvenaria em tijolo “burro”, entre os muitos arcos e abóbadas possíveis: de cúpula, de berço, de

nível, de barrete de clérigo (ou só barrete), de arestas. E é também aqui que João Pereira Santos, professor de Educação Visual formado no IADE (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing), entra em contacto com a realidade da construção civil tradicional, sendo convidado para elaborar o programa pedagógico desse curso que muito haveria de dar que falar até à sua extinção, em 2005. Ao longo dos seus 12 anos de duração, o curso de Mestre de Construção Civil Tradicional, “único na Europa e penso que também no mundo”, recorda João Pereira Santos, foi motivo de visita a Serpa por parte de vários arquitetos estrangeiros, que “ficavam muito admirados quando viam uma abóbada feita e quando lhes era dito que não se recorria a cofragens, a nenhum tipo de suporte. Aquilo era feito fiada a fiada, e aguentava-se”.

Esse desafio à gravidade, esse fenómeno “anacrónico” de um “teto redondo que não cai”, foi uma entre as várias razões que levaram o professor a elaborar, mais tarde, uma tese de mestrado em Cultura Visual, voltando ao IADE. “Apaixonei-me pelo assunto e resolvi estudar até que ponto a construção civil tradicional influencia a imagem que temos do Alentejo”. Em 2008, estava pronta a tese “De terra e cal” e do curso já nem sinais. Recorde-se que a ideia, aquando da sua criação, foi a de, de algum modo, forçar uma passagem de testemunho que até então havia sido natural. Até aos anos 50/60 do século passado, data que marca o advento do betão armado, o ofício de mestre abobadeiro vinha passando de pai para filho, sem interrupções. E, acrescente-se, no âmbito de um círculo muito restrito, já que esta especialidade dentro da construção civil tradicional estava reservada aos melhores e também aos mais ousados. Ora, em 1993, quando arrancou o novo estabelecimento de ensino, hoje Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa, essa corrente de saber empírico já tinha sido interrompida há décadas, sobrando, claro, algumas exceções. “Esse tipo de construção quase parou, passando a ser procurada apenas de uma forma ocasional e normalmente por famílias abastadas. Mas na altura verificava-se alguma procura e daí o interesse em abrir este curso”. Acontece, porém, que a formação de jovens não basta para fazer renascer uma arte, tanto mais num contexto tão débil a nível empresarial e numa área que estará sempre condenada a satisfazer “um pequeno nicho de mercado”, lembra João Pereira Santos. O mestre Hélder que o diga, há 35 anos como empreiteiro, a última década quase exclusivamente dedicado à reconstrução, sendo





que, até aí, ultimamente lhe tem “faltado o serviço”. “Está tudo parado na construção e é muito raro fazer abóbadas. É um trabalho muito caro. Uma abóbada com 20 e poucos metros quadrados leva mais de dois mil tijolos, a um euro cada um. Quem tem dinheiro e aprecia, é ouro sobre azul, mas nem sempre é assim”, desabafa.

Não se sabe ao certo, mas poucos terão sido os alunos que empreenderam a aventura de fazer abóbadas. Entretanto, as suas provas de aptidão profissional (PAP) ficaram, permanentemente, à vista de todos em vários pontos da Cidade Branca e de outras localidades da margem esquerda do Guadiana: em paragens de autocarro, em peças expostas em rotundas, na Horta do Chó, onde se situa a residência de estudantes e que ainda guarda vários protótipos. E nas quatro abóbadas que exhibe o edifício sede do Conservatório Regional do Baixo Alentejo, em Beja, fruto de um acordo que permitiu a formação, em contexto de obra, ao longo de três semanas.

Um “capricho caro” mas com vantagens a médio prazo Júri das referidas provas ao longo de uma década, José Manuel Raposo, 47 anos, é outro dos últimos mestres abobadeiros vivos da margem esquerda do Guadiana. Também oriundo de uma família ligada à construção, aprendeu cedo os rudimentos com o avô, mestre pedreiro, mas só em 1992 é que se inicia na arte de construir abóbadas, com Manuel Paraíba – outro mestre reputado, outra lenda, neste caso ainda viva mas já sem saúde para trabalhar. “No tempo em que aprendi a fazer abóbadas e abobadilhas já isso era um capricho”, observa, avisando que hoje continua a sê-lo, mas “ainda mais caro”, com o metro quadrado a levar entre 60 e 80 peças e o tijolo a custar à volta de 1,20 euros. Por isso, ou o dono da obra faz questão e tem dinheiro para cobrir a despesa extra ou é a própria natureza do edifício que o exige, quando o que está em causa é um trabalho de recuperação. “Em 2005, fizemos umas abóbadas em Portalegre, num convento, mas foi uma obrigatoriedade da obra, por decisão do projetista e do engenheiro”, lembra, notando que a construção nova, de raiz, já raramente usa este elemento da construção civil tradicional. A não ser, lá está, por “capricho”. Um facto que não o preocupa pessoalmente – há sempre a “mais-valia do saber fazer” – mas que o entristece quando pensa em termos coletivos, ou seja, em todo um património edificado que não terá “continuidade” tal como o conhecemos. Um problema que parece não ter solução à vista – “se não houver procura, é inevitável que morra esta



Abóbadas, truques e imitações

“Sistemas construtivos de grande complexidade”, como as descreve João Pereira Santos na tese de mestrado “De terra e cal – A construção tradicional e a imagem do Alentejo”, as abóbadas, tal como as abobadilhas, têm a sua origem no período romano, sabendo-se que foram posteriormente aperfeiçoadas durante a ocupação islâmica. Não há muito mais a dizer sobre uma história que não se escreveu – passou de pai para filho até mais ou menos à década de 50 do século passado, com o advento da industrialização da construção. Os abobadeiros eram uma espécie de elite dentro dos mestres de construção civil tradicional, e não porque tivessem mais escolaridade que os demais. “Um mestre de construção não fazia cálculos matemáticos. Fazia umas marcações com uns fios [cintéis], para calcular os eixos de curvatura e a coisa ia resultando. Claro que obedecia a uma técnica e tinha imensos truques, mas era sobretudo uma coisa intuitiva”, enaltece o professor. Um deles prende-se com a massa, feita de terra, cal hidráulica e muito pouco cimento. “A massa tem que entrar numa sezão. É feita às nove horas para ser usada às 11. Se não entra naquela sezão, não vale a pena”, explica Hélder Ferreira, sublinhando aquilo que torna a abóbada admirável. “Não usamos cofragens. É o tijolo que se agarra a ele próprio”. E quando isso acontece, é facilmente identificável por quem tem o olho treinado, acrescenta o colega José Manuel Raposo: “O tijolo não pode ser visto todo muito bonito. Se estiver muito parelho, só pode querer dizer uma coisa – foi feita uma cofragem para betonar e o mestre foi lá forrar com tijolos. Mas isso não é uma abóbada, é outra coisa”.

Uma distinção muito falada é a que se estabelece entre abóbadas e abobadilhas e basicamente, diz quem sabe, ela reside na forma de construção, no modo como assentam os tijolos. Nas primeiras, o tijolo é colocado em cutelo; nas segundas, ao alto. O resultado final também é diferente, conclui José Manuel Raposo: “A abóbada, onde se gasta o triplo do tijolo, fica mais resistente, por isso é mais usada em pisos superiores”.

arte” – mesmo se se empreender uma campanha de divulgação das vantagens de uma cobertura de abóbada associada à construção em taipa, dois elementos inseparáveis na arquitetura autóctone, que sempre fez uso da matéria-prima mais à mão, neste caso a própria terra. E são muitas, enumera o mestre: “bom isolamento térmico, boa acústica, o próprio bem-estar das pessoas”.

Em 2004, o mestre associou-se a uma arquiteta e a um desenhador na empresa Betão e Taipa, que se distingue pela aposta clara nas técnicas tradicionais de construção, e por isso sabe do que fala quando se refere a “bem-estar”. “Trabalhar numa obra corrente, com betão armado, tijolo e ferro, e trabalhar com materiais naturais, nobres, como a terra ou a madeira, é muito diferente. Sinto-me melhor, mais tranquilo, mais alegre. Não sei explicar, são materiais naturais e isso diz tudo”. Porém, num contexto de crise, o dinheiro é mais do que nunca um fator decisivo, mesmo se a médio e longo prazo uma habitação construída em taipa possa vir a revelar-se mais económica, pelos menores custos de climatização. “São mais os contactos e o interesse, até de Espanha, o que é motivante, mas depois muitos projetos não chegam a concretizar-se”, lamenta, consciente do peso de um mercado dominado pelo betão.

Ainda na margem esquerda do Guadiana, chegam de Moura ecos da existência de outro mestre, tido como “o último construtor de abóbadas” da cidade e com quem não nos foi possível o contacto até ao fecho desta edição. Chama-se João Maria Pinto, tem 78 anos e mais de 50 dedicados ao ofício, segundo revelou ao jornal “A Planície”, em entrevista recente. Teve como mestre João Sanches e também ele vê com apreensão a continuidade da arte. A dureza e a paciência que o ofício requer, em plena era da maquinaria, parecem manter os mais jovens afastados. “Há poucos ou mesmo nenhuns interessados em aprender”, lamenta, confessando, com mágoa, que chegou a desistir de um curso para o qual foi convidado como professor, porque “os candidatos que apareceram não tinham nem arte nem vontade de aprender”. O abobadeiro mourense não deixa também de lastimar “o número reduzido de obras deste tipo” e de observar o travo agridoce que lhe fica de cada vez que termina uma obra: “Fico orgulhoso do trabalho realizado, mas ao mesmo tempo triste, por ser uma arte que está em vias de extinção. Não vejo ninguém em Moura que siga as minhas pegadas”.

PUB



Alugue Software Sage
Rentabilize o seu negócio!



José Madeira Soluções Informáticas, Lda. | Tlm.: 96 603 85 45 | josemadeira@jmsi.pt | www.jmsi.pt